



A SOLIDEZ DA ESPIRITUALIDADE SÁLMICA DIANTE DA SOCIEDADE LÍQUIDA ATUAL

(The psalmical spirituality's solidness before the current liquid society)

Rafael Gouvêa Domingues

Mestrando em Teologia Prática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

Especialista em Filosofia e Teologia Contemporânea pelo Centro Universitário Claretiano

Bacharel em Teologia pela Faculdade Dehoniana

E-mail: pousorafa@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo almeja elucidar o valor do aperfeiçoamento da fé cristã por meio de fundamentações, de modo a salvaguardá-la de certo reducionismo ao plano imanente e temporal, apontando para a existencialidade do ser cristão que perscruta o que é escatológico. O itinerário proposto se perfaz pela consciência autêntica de pecado, de tal modo que o pecador se reconheça como tal e experimente a presença salvadora de Deus, em âmbito tanto pessoal quanto comunitário-social. A metodologia empregada constituiu-se em pesquisa bibliográfica e eletrônica afins ao tema alvitrado. Basicamente utilizou-se de alguns autores renomados como Zygmunt Bauman na expressividade da modernidade líquida; de Luís Alonso Schökel, na abordagem bíblica; de vários pronunciamentos do Magistério da Igreja Universal e Latino-Americana, além das referências à Sagrada Escritura. O percurso transitou da liquidez presente na realidade hodierna até a solidez da espiritualidade, mais especificamente do povo de Israel por meio dos Salmos, na revisitação de tal gênese espiritual. Dentre estes, optou-se pela esfera penitencial, detendo-se mais no Salmo 32(31). Concluiu-se a vigência de uma espiritualidade arraigada e permanente, mediante o cultivo da comunhão com Deus, assegurando pilstras mestras para vivenciar a fé ampliadamente em meio às fugacidades da contemporaneidade.

Palavras-chave: Espiritualidade; Salmos; Sociedade Líquida; Pecado; Magistério da Igreja

ABSTRACT

This article seeks to clarify the value of the Christian faith improvements through well founded arguments, in order to protect it from a certain lessening to the immanent and temporal ideas, aiming to the existentiality of the Christian being who reads up on what is eschatological. The proposed itinerary is achieved by the authentic awareness of sin, so that the sinner recognizes himself as such one and experiences the saving presence of God, both personally and socially. The methodology used was based on bibliographical and electronic researches related to the proposed theme. Basically there was the usage of some renowned authors like Zygmunt Bauman, on his expressiveness of the liquid modernity, Alonso Schökel, on his biblical approach, and also several pronouncements of the Magisterium of the Universal and Latin American Church, as well as references to Sacred Scripture. The route passed through the present liquidity in today's reality to the firmness of spirituality, more specifically the one concerning the people of Israel through the Psalms, in the revisiting of such spiritual genesis. Among these, one opted for the penitential sphere, with a greater focus on Psalm 32 (31). A deep-rooted and permanent spirituality was achieved through the cultivation of communion with God, assuring master pilasters to live the faith extensively in the midst of the contemporary times swifts.

Keywords: Spirituality; Psalms; Liquid Society; Sin; Magisterium of the Church.



INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea traz em si, entre tantos fenômenos, o da globalização, que de fato se caracteriza essencialmente por pretender universalizar conhecimentos, comportamentos, ideologias que se põem a formar e a praticamente determinar as vias mestras do *corpus* social, escalonando frequentemente o *modus vivendi* do ser humano na contemporaneidade. Dada a complexidade de tal fenômeno, torna-se inviável classificá-lo exaustivamente em categorias nos mais diversos âmbitos e setores da sociedade, até porque não é objeto deste sucinto artigo fazê-lo, senão o de considerar como fator preliminar e contextual. Entretanto, a respeito é ilustrativo o pensamento de João Paulo II, mais voltado ao Continente Americano, ao escrever na Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in America*:

A tendência à globalização é característica do mundo contemporâneo; fenômeno esse que, mesmo não sendo exclusivamente americano, é mais perceptível e tem maiores repercussões na América. Trata-se de um processo que fica a dever à maior comunicação existente entre as diversas partes do mundo, na prática levando à superação das distâncias, com evidentes efeitos nos mais distintos campos. As repercussões do ponto de vista ético podem ser positivas ou negativas.¹

Entre os diversos pluralismos emergidos da globalização, encontra-se em voga o pensamento de Zygmunt Bauman, sociólogo polonês falecido em 2017, que cunhou a expressão “modernidade líquida”, conforme título de uma de suas principais obras, abordando a liquidificação dos valores na atualidade como modo de emancipação do sujeito diante da própria sociedade pré-determinada. A metáfora encontra sua raiz na transição da solidez, como algo já cristalizado, definido para a liquidez, que permite adequações, adaptações às mudanças, tomando variadas formas, abrindo espaço para novas possibilidades. Tal fluidez traz novos valores e modelos à sociedade, como imperativo desta. Sendo assim, o indivíduo busca sua liberdade ao se emancipar da sociedade; mas, por outro lado, torna-se escravo desta mesma liberdade, que lhe impõe a transitoriedade como algo permanente.²

É inegável a celeridade em que as pessoas se encontram na realização de suas múltiplas tarefas, que causam, em suas vertentes positivas e negativas, desinstalações. As mudanças são abissais, pois há alterações nas raízes da sociedade, dos paradigmas até então estabelecidos, ampliando-se a mentalidade do micro ao macro. O Documento de Aparecida, que foi o resultado da quinta conferência do Celam (Conselho Episcopal Latino-Americano), aponta para uma mudança de época, que em muito supera uma simples época de mudanças,³ dados os contingentes da sociedade global, sobretudo a latino-americana em questão.

O presente artigo, dentre várias possibilidades de reflexão, optou pela consideração da espiritualidade cristã, especialmente no concernente à vivência da fé meditada e celebrada. Acima se falou da modernidade líquida, apresentada com seu paradoxo. Diante daquilo que é fluido, a teologia pede minimamente alguma seguridade, sob pena de incorrer no relativismo.

¹ *Ecclesia in America*, n. 20.

² Cf. BAUMAN, *Modernidade líquida*.

³ Cf. *Documento de Aparecida*, nn. 33-36.



Atualmente, não é difícil perceber cristãos que perscrutam ansiosamente valores espirituais e transcendentais para suas vidas, saturados pelo materialismo reinante na sociedade, necessitados por recuperar a espiritualidade perene.⁴ Para elucidar esse percurso, será abordada brevemente a espiritualidade advinda dos Salmos, mais especificamente na exemplaridade apresentada pelo Sl 32(31), cuja escolha se aclarará à frente. Por enquanto, é útil recordar que “os salmos têm a virtude de elevar até Deus a mente das pessoas, despertar nelas piedosos e santos afetos, ajudá-las maravilhosamente a agradecer na prosperidade e dar-lhes, na adversidade, consolo e fortaleza de ânimo”.⁵

O Magistério da Igreja, a partir dos Documentos do Concílio Vaticano II, especialmente com a Constituição *Sacrosanctum Concilium* impulsionou uma verdadeira revolução no modo de celebrar a Liturgia, com todo o seu entusiasmo renovador à vida litúrgica de toda a Igreja. Corroborou também a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, no sentido de valorizar mais adequadamente o lugar da Palavra de Deus na vida eclesial como um todo. Com esses dois alicerces conciliares, pode-se sopesar a espiritualidade sálmica, haja vista a importância do saltério nas liturgias, sobretudo na Celebração Eucarística, com o salmo responsorial, e na Liturgia das Horas. Em caráter pastoral, eis o que diz o primeiro documento conciliar citado:

Sendo ainda o Ofício divino, como oração pública da Igreja, fonte de piedade e alimento da oração pessoal, exortam-se no Senhor os sacerdotes, e todos os outros que participam no Ofício divino, a que, ao recitarem-no, o espírito corresponda às palavras; para melhor o conseguirem, procurem adquirir maior instrução litúrgica e bíblica, especialmente quanto aos salmos. Tenha-se como objetivo, ao fazer a reforma desse tesouro venerável e secular que é o Ofício romano, que mais larga e facilmente o possam usufruir todos aqueles a quem é confiado.⁶

Neste íterim, a escolha pelo Sl 32(31) deve-se ao seu caráter penitencial confesso, explicitado pelo salmista em questão, uma que vez que podemos considerar o pecado, em linhas gerais, como raiz de todos os males. O profundo reconhecimento deste é pressuposto indispensável à vivência espiritual e celebrativa da fé cristã. “Não se pode, portanto, restringir o campo do pecado, cujo primeiro efeito é o de introduzir a desordem na relação entre o homem e Deus, àquilo que se denomina ‘pecado social’. Na verdade, só uma adequada doutrina sobre o pecado permitirá insistir sobre a gravidade de seus efeitos sociais”.⁷ E ainda: “Na verdade, diante da urgência dos problemas, alguns são levados a acentuar unilateralmente a libertação das escravidões de ordem terrena e temporal, dando a impressão de relegar ao segundo plano a libertação do pecado e, portanto de não atribuir-lhe praticamente a importância primordial que lhe compete”.⁸

⁴ Cf. BOFF, A originalidade histórica de Medellín.

⁵ *Liturgia das Horas*, v. I, p. 49.

⁶ *Sacrosanctum Concilium*, n. 90.

⁷ *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*, n. 14.

⁸ *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*, Introdução.



Uma interrogação subjacente ao que foi dito até agora poderia ser esta: como fazer a experiência da espiritualidade cristã numa sociedade de modernidade líquida? A Liturgia da Igreja, a nosso ver, é o caminho:

Nunca devemos esquecer que, na base de toda a espiritualidade cristã autêntica e viva, está a *Palavra de Deus anunciada, acolhida, celebrada e meditada na Igreja*. A intensificação do relacionamento com a Palavra divina acontecerá com tanto maior decisão quanto mais cientes estivermos de nos encontrar, quer na Escritura quer na Tradição viva da Igreja, em presença da Palavra definitiva de Deus sobre o universo e a história.⁹

A Tradição eclesial garante solidez à celebração da fé. Bíblica e historicamente sabe-se que na História da Salvação, nos mais diferentes períodos, o ato de celebrar a comunhão com Deus, era parte integrante e fundamental do povo de Deus (Ex 15; Dt 16; 2Sm 6; Sl 150, apenas para citar alguns exemplos genéricos). Desde o judaísmo, do qual nasceu o cristianismo, o povo hebreu possuía vários ritos e festas religiosas para expressar e fazer memória da Aliança de Deus com seu povo; de fato, o povo pôde, em inúmeras ocasiões, fazer a experiência histórica do *Go'el*.¹⁰ Um texto paradigmático está em Ex 3, quando Deus se autocomunica a Moisés como EU SOU, e percebe sensivelmente as reais necessidades do povo, colocando-se ao seu lado para libertá-lo. Em diferentes contextos, o povo de Israel sofreu opressões e perseguições, frequentemente motivadas pela questão religiosa, diante de sistemas políticos totalitários, pagãos e politeístas, que não admitiam o monoteísmo dos hebreus.¹¹

Um olhar mais acurado se dirige ao saltério, conjunto das orações do povo de Israel, redigidos com altivo teor estético-poético, sem deixar de ser densamente teológico-espiritual. Os salmos expressam existencialmente os dramas e esperanças do povo, ainda que alguns deles sejam de caráter pessoal, com linguagem na primeira pessoa do singular. Entretanto, sabe-se na literatura bíblica que tal recurso linguístico não exclui a universalidade do povo fiel a Deus.¹²

Partindo, então, da consideração teológica de que a raiz de todos os males reside no pecado, conforme ensina Bento XVI,

a libertação é antes de tudo e principalmente libertação da escravidão radical do pecado. Seu objetivo e seu termo é a liberdade dos filhos de Deus, que é dom da graça. Ela exige, por uma consequência lógica, a libertação de muitas outras escravidões, de ordem cultural, econômica, social e política, que, em última análise, derivam todas do pecado e constituem outros tantos obstáculos que impedem os homens de viver segundo a própria dignidade. Discernir com clareza o que é fundamental e o que faz parte das consequências, é condição indispensável para uma reflexão teológica sobre a libertação,¹³

⁹ *Verbum Domini*, n. 121.

¹⁰ Expressão hebraica que designa Deus como “libertador” do povo.

¹¹ Cf. HARRINGTON, *Chave para a Bíblia*, pp. 348-366.

¹² Cf. Introdução aos Salmos da *Bíblia de Jerusalém*, pp. 858-863.

¹³ *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*, Introdução.



e fazendo uma leitura teologal da história humana de modo mais delongado temporalmente, nota-se o devir, as ideologias que persistem em sobrepujar povos e nações, explorando-as e escravizando-as em muitas conjunturas, marcadas por ludibriados discursos e sistemas arrogantes, pode-se intuir o itinerário de conversão, de seu fundamento primeiro que consiste no reconhecimento clarividente da própria condição humana, débil e pecadora. Eis, pois, que a via de salvação se perfaz pela confissão das próprias culpas e do louvor a Deus como aceitação fiel de que somente Ele é quem salva; é o itinerário da fé. Nesta linha de reflexão soteriológica, o Sl 32(31) elucida esses elementos basilares, dos quais vamos discorrer um pouco. Ratifica este percurso, as palavras do Papa Francisco quando ele diz:

A fé afirma também a possibilidade do perdão, que muitas vezes requer tempo, cansa, paciência e empenho; um perdão possível quando se descobre que o bem é sempre mais originário e mais forte que o mal, que a palavra com que Deus afirma a nossa vida é mais profunda do que todas as nossas negações. Aliás, mesmo dum ponto de vista simplesmente antropológico, a unidade é superior ao conflito; devemos preocupar-nos também com o conflito, mas vivendo-o de tal modo que nos leve a resolvê-lo, a superá-lo, como elo duma cadeia, num avanço para a unidade.¹⁴

Antes, porém, de adentrar ao supracitado salmo, é válido recordar que o conjunto sálmico não ficou restrito ao tempo dos israelitas na Primeira Aliança, mas que chegou aos tempos messiânicos (Mt 26,30; 27,46; Mc 15,34 por exemplo), ao período apostólico (como na oração da hora nona no Templo: At 3,1-10), e até hoje, é enobrecido pela Igreja nas diversas liturgias, das quais, tem enorme relevo a Liturgia das Horas.

Dada a extensão do saltério, composto por cento e cinquenta salmos, há neste imenso bloco literário bíblico, numerosos temas que perfazem a espiritualidade. Conforme afirmado acima, será abordada a perspectiva penitencial com o Sl 32(31), visto ser impossível neste conciso artigo tecer considerações mais amplas. Evidentemente que há outros salmos de cunho penitencial, como o Sl 51(50), por exemplo, que igualmente explicita este tema; porém, a escolha pelo Sl 32(31) deve-se ao fato de ele ser menos conhecido que aquele, mormente recitado em celebrações penitenciais, no tempo quaresmal e nas sextas-feiras nas *Laudes* da Liturgia das Horas.

Atribui-se, geralmente, a autoria da maioria dos salmos a Davi, cujo alicerce pode ser visto em 2Sm 23,1. Contudo,

a atribuição de todos os Salmos a Davi não é mais seriamente sustentada por nenhum crítico moderno; é inconcebível que os Salmos, que refletem toda a gama da fé e da piedade israelitas através da História inteira de Israel, possam ser obra desse único autor. Por outro lado, é acrítico afirmar que ele seja estranho à composição dos Salmos. No NT, “Davi tornou-se uma espécie de título dos Salmos”, como “Moisés” é um título do Pentateuco.¹⁵

¹⁴ *Lumen Fidei*, n. 55.

¹⁵ MACKENZIE, *Dicionário bíblico*, p. 828 (verbetes “Salmos”).



Adentrando especificamente agora ao salmo elegido, vamos extrair alguns dos elementos mais significativos deste, em colaboração à reflexão deste texto.

Sem enigmas, o leitor percebe panoramicamente que o pecado ocupa o *Sitz im Leben*¹⁶ do Sl 32(31). O ato de confessar o próprio pecado a Deus, além de ser um reconhecimento espiritual, de encontro com a verdade teologal e por consequência antropológica, aponta para uma dimensão celebrativa. Enquanto está no estado pecaminoso, fechado em si mesmo, sem desabafar com Deus, o homem sente-se corroído interiormente (v. 3); há o elemento da consciência maculada permanentemente e do sustento interior e motivacional debilitado, vexado ao patamar vegetativo (v. 4). Quando o salmista confessa seu pecado a Deus, o faz a partir de uma decisão bem determinada; e ele experimenta o perdão, podendo se considerar bem-aventurado justamente pela absolvição recebida: “quando o homem ‘cobre’ o seu pecado, ele o ‘encobre’ (Pr 28,13; Jo 31,33); quando Deus o ‘cobre’, ele o perdoa”¹⁷, visto nos dois primeiros versículos deste salmo, evidenciando a distinção do verbo “cobrir” em relação ao pecado.

No sexto versículo surge uma constatação universal da salvação diante da angústia humana, retornando ao âmbito pessoal no versículo seguinte, em que o salmista orante reconhece que Deus é refúgio e liberta das angústias. Nos versículos oito e nove, Deus aconselha o percurso a seguir a partir da falta absolvida, compreensão esta que perpassa pelo juízo pessoal, utilizando-se da razão e da consciência, em muito, superior ao mero instinto animalesco. Os dois últimos versículos do Salmo 32(31) são um ato celebrativo de louvor, em que se exaltam os justos que confiam em Deus, em contraste com os sofrimentos dos ímpios, simultaneamente convidando aqueles a se jubilem em Deus e a manifestarem tal regozijo pela retidão do coração.¹⁸

Numa perspectiva de pecado estrutural ou social, que emerge da individualidade das pessoas, é plausível contemplar a dimensão libertadora, conforme sugestão do salmo supracitado e segundo o pensamento de João Paulo II ao se dirigir ao episcopado brasileiro em 1986, trazendo o evento soteriológico para a sua plenitude nos tempos messiânicos:

Quer no nível da reflexão quer na sua práxis, a libertação é, antes de tudo, soteriológica (um aspecto da Salvação realizada por Jesus Cristo, Filho de Deus) e depois ético-social (ou ético-política). Reduzir uma dimensão à outra – suprimindo-as praticamente a ambas – ou antepor a segunda à primeira é subverter e desnaturar a verdadeira libertação cristã. É dever dos Pastores, portanto, anunciar a todos os homens, sem ambiguidades, o mistério da libertação que se encerra na Cruz e na Ressurreição de Cristo.¹⁹

A Teologia oferece respostas e embasamentos consistentes para a vivência da fé cristã, utilizando-se da Tradição da Igreja, da experiência histórica, portanto veraz da fé, confessada e celebrada liturgicamente como comunidade eclesial congregada. Desse modo, a nosso ver, valorizar adequadamente a espiritualidade sálmica, como elemento nuclear à Liturgia da

¹⁶ Tradução livre: “contexto vital do texto em questão”.

¹⁷ ALONSO SCHÖKEL, *Salmos*, v. I, pp. 480-481.

¹⁸ Cf. ALONSO SCHÖKEL, *Salmos*, v. I, pp. 473-483.

¹⁹ Cf. *Carta do papa João Paulo II aos bispos da Conferência Episcopal dos Bispos Do Brasil*, n. 6.



Igreja, confere maior estabilidade àqueles que buscam sinceramente tecer raízes mais densas e inexauríveis. E não somente o Livro dos Salmos, mas outros textos veterotestamentários proporcionam suporte para uma espiritualidade centrada na comunhão com Deus. Não se pode menosprezar em nenhuma circunstância a espiritualidade subjacente e emergente da literatura sálmica, bem como da história do povo de Israel em diversos períodos. Lembramos algumas referências: Dt 30,15-20; Is 1,10-20; Ez 36,23-29; Os 6,6; Jl 2,12-18; Jn 3,1-10, entre muitas outras passagens. Dada a objetividade deste artigo, sequer entraremos na consideração do Segundo Testamento acerca desta matéria, o que seria tema para outro artigo. Liturgicamente, é mister ao menos aludir à esfera penitencial desses e outros textos bíblicos, presentes sobretudo no Tempo da Quaresma, nomeadamente convidativo à conversão, ao reconhecimento do pecado e à celebração do Sacramento da Reconciliação: “Convém que o sacramento da penitência comece com a audição da Palavra, pela qual Deus chama à penitência e conduz à verdadeira conversão interior [...]. A homilia, baseando-se no texto da Escritura, deve conduzir os penitentes ao exame de consciência, à aversão ao pecado e à conversão a Deus”.²⁰

Sendo ainda intento deste artigo elucidar e respeitar a localização dos Salmos na vida cristã, não se poderia descuidar da Liturgia das Horas, também denominada breviário, que paulatinamente começa a ser conhecida e reconhecida para além da circunscrição eclesial. Apesar de ser dever dos clérigos celebrar as horas, santificando-as em comunhão com a Igreja, cotidianamente, tal prática não se restringe ao ministério ordenado, mas é incentivado e, felizmente, tem sido posto na vida de fé de muitos cristãos leigos. Existem hoje subsídios periódicos produzidos por editoras católicas trazendo todas as Horas, sem contar alguns *sites* e aplicativos com os quais é possível acessar na íntegra esta Liturgia.²¹ A facilitação ao acesso deste precioso tesouro da Igreja auxilia muitos cristãos a meditar e celebrarem com a espiritualidade sálmica, capital para o povo de Israel e sempre atual na vivência espiritual: “Sendo oração de todo o povo de Deus, o Ofício foi disposto e preparado de tal maneira que nele possam tomar parte, não apenas os clérigos, mas também os religiosos e até os leigos”.²²

É belíssimo contemplar a estrutura organizativa da Liturgia das Horas e o significado simbólico-espiritual de consagrar as horas a Deus: “Como a santificação do dia e de toda a atividade humana é finalidade da Liturgia das Horas, o seu curso foi de tal modo reformado que tal Hora voltou tanto quanto possível ao seu verdadeiro momento, levando-se ao mesmo tempo em conta as condições da vida moderna”.²³ Expandir esse conhecimento aos cristãos seguramente irá conduzir muitos ao aprofundamento na fé, à experiência de comunhão com Deus, mediante a oração meditativa, e talvez à *Lectio Divina*.²⁴ Dado o lirismo inerente à literatura sálmica, pode-se rezar com a leveza poética dos salmos, numa leitura teológica que torne tal contemplação existencial e atual, inclusive para as situações e acontecimentos sociais em que a pessoa que reza esteja inserida. No campo mais popular, existe ainda o Ofício Divino das Comunidades, como uma maneira simplificada e inculturada em muitas regiões e

²⁰ **Ritual da Penitência**, pp. 36-37.

²¹ Por exemplo: Editora Paulus, *sites*: www.liturgiadas horas.org; www.catolicoorante.com.br

²² **Liturgia das Horas**, v. I, p. 15.

²³ **Liturgia das Horas**, v. I, p. 27.

²⁴ Cf. *Verbum Domini*, nn. 86-87.



Comunidades de rezar e cantar com os salmos, hinos e orações diversas, o qual pastoralmente pode ser valorizado.

É elementar à celebração da Liturgia das Horas a leitura e meditação com os Salmos:

Os salmos são poemas de louvor. Por conseguinte, embora às vezes tenham sido proclamados em forma de leitura, contudo, atendendo ao seu gênero literário, chamam-se com razão, em hebraico, *tehillim*, ou seja, “cânticos de louvor”, e em grego *psalmói*, isto é, “cânticos para entoar ao som do saltério” [...]. Ainda que oferecendo um texto à nossa mente, tendem mais a mover os corações de quem salmodia e escuta, e mesmo dos que os acompanham ao som do “saltério e da cítara”.

Com as palavras do salmo podemos muitas vezes orar com mais facilidade e fervor, seja dando graças e louvando a Deus com alegria, seja suplicando-o desde as profundezas de nossas angústias [...].

Com efeito, é sabido que cada salmo foi composto em circunstâncias determinadas [...]; embora esses poemas tenham sido compostos, há muitos séculos, por orientais, expressam muito bem as dores e esperanças, a miséria e confiança dos seres humanos de qualquer época ou nação, sobretudo a fé em Deus, e cantam a revelação e a redenção.²⁵

CONCLUSÃO

Como conclusão geral, constatamos que a espiritualidade necessita ser permanente na vida da pessoa crédula, ao perscrutar a íntima comunhão com Deus. A contemporaneidade impõe, assim, um viés positivo ao suscitar contundentemente no coração de quem crê e quer de fato se embrenhar perenemente por esta via teológica. Redescobrir hoje a beleza espiritual dos salmos, celebrando meditativamente com eles, quer individualmente, quer em comunidade eclesial e litúrgica, direciona o sujeito à conversão contínua, ao reconhecer-se pecador, na busca de valores duradouros em meio à sociedade hodierna liquidificada.

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. **Salmos**. São Paulo: Paulus, 1996. v. I.
BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA. **Documento de Aparecida**. 9. ed. Brasília: CNBB/Paulus/Paulinas, 2008.
HARRINGTON, Wilfrid J. **Chave para a Bíblia**; a revelação a promessa a realização. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
Liturgia das Horas segundo o rito romano. v. I: Tempo do Advento e Tempo do Natal. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Paulinas/Paulus/Ave-Maria, 1999.
MACKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. 2. Edição. São Paulo: Paulus, 1983.
Ritual da Penitência. São Paulo: Ave-Maria, 1999.

²⁵ **Liturgia das Horas**, v. I, nn. 103, 105 e 107, pp. 50-51.



Sacrosanctum Concilium. Constituição Dogmática. In: **Compêndio do Vaticano II**; constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

Referências eletrônicas

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**: disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Modernidade_l%C3%ADquida.html?id=CbMd0xJoI18C&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 18/07/2017.

BOFF, Clodovis. A originalidade histórica de Medellín. Disponível em: <http://servicioskoionia.org/relat/203p.htm>. Acesso em: 18/07/2017.

Carta do papa João Paulo II aos bispos da Conferência Episcopal dos Bispos Do Brasil. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1986/documents/hf_jp-ii LET_19860409_conf-episcopale-brasile.html. Acesso em: 18/07/2017.

Ecclesia in America. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_22011999_ecclesia-in-america.html. Acesso em: 18/07/2017.

Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html. Acesso em: 18/07/2017.

Lumen Fidei. Carta Encíclica do Sumo Pontífice Francisco aos bispos aos presbíteros e aos diáconos às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a fé. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html. Acesso em: 18/07/2017.

Verbum Domini. Exortação Apostólica Pós-Sinodal do Santo Padre Bento XVI ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html. Acesso em: 18/07/2017.

Recebido em: 21/08/2018

Aprovado em: 08/12/2018